



Diálogos e cruzamentos entre sistemas de comunicação: a morte de João Hélio Vieites na literatura de cordel e no jornalismo¹

Gustavo Fortes SAID²
Camila Calado LIMA³
Universidade Federal do Piauí

Resumo

Este artigo propõe-se a descrever os modos e as condições em que a literatura de cordel constrói, no plano simbólico, a morte do menino João Hélio Vieites, a partir de interações e tensionamentos com o jornalismo. Com intuito de expor os diálogos estabelecidos por esses dois suportes, os autores analisaram comparativamente o material jornalístico e os cordéis de acontecido publicados e fizeram entrevistas com os autores de folhetos de cordel que tratavam do referido acontecimento. Através do método de análise de conteúdo categorial, foram identificadas quatro rubricas semânticas nos textos: 1) sacralização de João Hélio, 2) demonização dos criminosos, 3) martirização heróica de João Hélio e 4) senso de pertencimento familiar.

Palavras-chave: Literatura de cordel; cultura popular; meios de comunicação e cultura.

1. Introdução: breve histórico da literatura de cordel

A produção da literatura de cordel reflete processos de hibridização cultural que foram se intensificando nas últimas décadas, sobretudo por conta do aumento das possibilidades de trocas comunicativas em nível global. Mas, o fato do cordel estar sendo cada vez mais atravessado por vetores de forças de outros campos sociais se deve ao próprio processo de sua formação. A sua gênese demonstra o quanto o mesmo surgiu do intercâmbio de tradições culturais bastante diversas.

Os primeiros folhetos remontam ao século XVII, com a venda das “folhas volantes” em Portugal (*pliegos sueltos*, na Espanha, e *littérature de colportage*, na França). No Brasil, a literatura de cordel chegou em “folhas volantes”, através dos

¹ Trabalho apresentado na Sessão Mediações e interfaces comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Gustavo Fortes Said é doutor em Ciências da Comunicação pela UNISINOS, professor titular da Universidade Federal do Piauí e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Cultura e Recepção da mesma instituição. E-mail: gsaid@uol.com.br

³ Camila Calado Lima é estudante de graduação de comunicação social, com habilitação em jornalismo da Universidade Federal do Piauí, bolsista do PIBIC/CNPQ/UFPI e participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Cultura e Recepção da mesma instituição. E-mail: camilacaladolima@hotmail.com



colonizadores portugueses e se instalou na Bahia, já que Salvador era a capital do país. Os primeiros poetas cordelistas apareceram por volta de 1750.

O cordel era fonte de informação, diversão e instrumento de aprendizado, ao mesmo tempo. “Um sistema de jornalismo rural que funcionava como modo de diversão e veículo de anúncio da morte de personagens históricos: Lampião, o Padre Cícero, Getúlio Vargas, entre outros.” (DEBS,1997,p 01).

A partir de meados do século XX, houve uma mudança no *modus operandi* da prática cordelista e uma adoção das formas narrativas e das temáticas do cordel por outros sistemas de comunicação. Isso levou os cordéis a assumirem estratégias produtivas e suportes próprios desses sistemas. Tal constatação - de que existem diálogos e cruzamentos entre sistemas de comunicação diversos – possibilita perceber os diálogos travados pelo cordel de acontecido e pelo jornalismo quando da cobertura de um mesmo acontecimento. Como efeito da reflexão anterior, definiu-se o problema de pesquisa da seguinte forma: como a literatura de cordel constrói, no âmbito das suas configurações discursivas e simbólicas, mensagens sobre a morte do menino João Hélio Vieites, vítima de assalto em 07 de fevereiro de 2007, no Rio de Janeiro, a partir das notícias publicadas nos meios de comunicação?

Para tanto, realizamos uma pesquisa descritiva, cujo método de procedimento foi o qualitativo. No que se refere à técnica utilizada para a coleta e análise do material empírico selecionado, optamos pela análise de conteúdo temática ou categorial. O *corpus* de pesquisa foi composto por dois livretos de cordel (1) Cordel em Homenagem a João Hélio, de Orlando Paiva; 2) Pequena Homenagem ao Garoto João Hélio Fernandes, de Henrique César Pinheiro), e por notícias veiculadas sobre o acontecimento nos portais, G1, Meio Norte, e nos telejornais Bom dia Brasil e Jornal Nacional, no período de 07 (data da morte de João Hélio) a 15 de fevereiro (data da publicação do cordel de Orlando Paiva), além de notícias dos portais Jornal do Brasil, UOL, no período de 07 a 16 de fevereiro (data da publicação do cordel de Henrique César Pinheiro).

Num primeiro momento, com base na análise de conteúdo temática, identificamos os principais temas ou principais categorias presentes nos dois cordéis constituintes da amostra. Durante a análise categorial dos cordéis, realizamos também entrevistas com os autores, com o propósito de identificar quais meios de comunicação – se televisão, jornal impresso, rádio e/ou internet – foram mais utilizados pelo cordelista como fontes subsidiárias de informações para a produção do cordel.

Em seguida, procedemos a uma análise comparada entre os cordéis e o material produzido pelos meios de comunicação que fizeram a cobertura do citado acontecimento (a morte brutal do menino João Hélio Vieites) e que foram mencionados pelos cordelistas nas entrevistas realizadas, a fim de perceber os principais temas encontrados nos textos e enquadrá-los em categorias semânticas.

A opção pela técnica de análise de conteúdo categorial ou temática deu-se pelo fato dessa técnica se aproximar bastante da análise textual utilizada na antropologia, cujo objetivo é identificar o(s) sentido(s) de certas produções culturais e os padrões de sua reprodução social. Com a análise de conteúdo temática foi possível perceber alguns padrões de repetição semântica no conjunto do material significativo veiculado pelos produtos já citados.

[A análise categorial] pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido. [...] É o método das categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem. É, portanto, um método taxionômico bem concebido para [...] introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente. (LAWRENCE BARDIN, 1977, p.37).

Neste sentido, procuramos entender os textos ou produtos analisados como material semântico, como um conjunto que reúne marcas dos modos como foram produzidos no contexto da economia política das comunicações e do sistema de produção da cultura. , ressaltando-se, conforme Richard Campbell (2000), que os estudos sobre economia política das comunicações funcionam melhor quando combinados com análise textual ou com estudos de recepção ou audiência, quando for este o caso (na pesquisa realizada, o processo de construção do objeto voltou-se à gramática de produção, e não à gramática de recepção).

2. Jornalismo e cordel: interações e tensionamentos

Embora contenham um conjunto de operações próprias à sua economia discursiva, como afirma Fausto Neto (2001), os cordéis representam uma prática de comunicação que interage com outros discursos sociais: “... os folhetos são produzidos em meio a tensionamentos com outros discursos sociais, neles predominando peculiares processos de ‘diálogos’ sócio-culturais.” (Ibid., p.134).



Segundo o autor, é como se o cordel funcionasse como receptor de outros sistemas de informação para ressemantizar os temas ali tratados à luz da sua própria gramática discursiva, onde impera, significativamente, um conjunto de elementos históricos que compõe o imaginário em que o mesmo se desenvolveu.

Assim, em muitos casos, sobretudo quando os cordéis narram um acontecimento recente, o primeiro sistema de comunicação que funciona como fonte de agendamento são os meios de comunicação. Os cordéis recebem informações sobre o assassinato do menino João Hélio e geram mensagens, segundo suas características simbólicas, para serem transmitidas aos leitores de cordel. Estas mensagens têm como referência suas próprias gramáticas de reconhecimento e produção.

Desta maneira, esse tipo de literatura seria um sistema paralelo e particular de jornalismo, que, segundo Brito (2003), submete as notícias captadas nos meios de comunicação a um processo de decodificação, com o objetivo de torná-las acessíveis ao universo popular, através de um conjunto de elementos (a linguagem, os adjetivos bizarros, os diálogos diretos e outros). O jornalismo seria, neste caso, uma das mais efetivas fontes de inspiração do cordelista.

A produção de cordel segue, neste sentido, uma lógica até certo ponto comum aos meios de comunicação de massa, acompanhando muito da sua agenda temática. O tema “o assassinato do menino João Hélio Vieites” é retirado da sua agenda “original” e subordinado a uma nova agenda, que toma visibilidade nos formatos e nos modelos de interpretação próprios do cordel, a exemplo do que propõe Fausto Neto (FAUSTO NETO, 2001) ao analisar a forma como a AIDS é tratada na literatura de cordel.

Talvez pelo fato de se basear, em grande medida, nos acontecimentos que, narrados pelo jornalismo, passam a figurar no imaginário social é que um dos tipos de cordel mais freqüentes é o folheto de acontecido, que relata acontecimentos e fatos reais, muito próximo daquilo que é produzido pela atividade jornalística, com a diferença de que o próprio formato do cordel, a sua rima, o seu ritmo e a ilustração da capa tornam aquele tipo de comunicação algo bastante peculiar. Apesar desse tipo de folheto ter perdido parte de seu caráter de informação, ele ainda é bastante procurado em casos de boatos, como o chupa-cabra, que foi mostrado através do cordel, por tratar-se de algo abstrato, e de acontecimentos com grande repercussão na imprensa, como o ataque de 11 de setembro às Torres Gêmeas (2001), a morte brutal do menino João Hélio Vieites (2007) e o assassinato da menina Isabela Nardoni (2008).



... a opinião do autor, a maneira particular de abordagem e interpretação do fato, tudo se transforma numa mistura fina, temperada ao sabor das metáforas e originalidade de cada poeta, cujo resultado é o deleite estético, o prazer do texto. (AMORIM,2002)

Os cordéis de acontecido destacam aspectos importantes nos acontecimentos, exageram no sensacionalismo, posicionam-se ideologicamente, usam metáforas e adotam uma linguagem próxima aos leitores, facilitando a compreensão. O folheto de acontecido faz um tratamento específico das notícias, culminando em um fascínio na leitura. (AMORIM,2002)

Desta forma, buscamos analisar e descrever as categorias semânticas dos dois livretos de cordel sobre a morte do menino João Hélio Vieites e comparar a produção dos cordéis com a produção jornalística sobre o acontecimento em nível nacional.

3. Análise do caso João Hélio: no cordel e no jornalismo

A escolha do caso do assassinato de João Hélio Vieites para esta pesquisa deveu-se à comoção gerada em todo o país, com protestos, missas e pedidos de paz, à enorme repercussão do caso na imprensa, com cobertura constante, em todos os meios de comunicação, à familiaridade com que foi noticiado na imprensa e à intensa publicação de textos de diferentes linguagens e características sobre o acontecimento, como poesias e cordéis.

As considerações anteriores revelam ter havido muitas motivações, por parte dos autores, que impulsionaram a elaboração dos cordéis sobre o caso “Cordel em Homenagem a João Hélio”, de Orlando Paiva e “Pequena Homenagem ao Garoto João Hélio Fernandes”, de Henrique César Pinheiro.

O caso do João Hélio me deixou bastante raivoso, bastante indignado. Aquele caso causou uma indignação muito grande em toda sociedade brasileira pela estupidez, pela maldade.(PINHEIRO,2007)

Orlando Paiva completa:

Sempre quando tem um caso que causa assim repercussão nacional, como o caso do João Hélio, aí eu produzo o texto. Do João Hélio, foi que causou uma revolta, essa questão do assassinato dele, e eu fiquei indignado. (PAIVA,2007)

Uma observação importante feita durante as entrevistas se refere ao perfil do cordelista Henrique César Pinheiro. Diferentemente dos cordelistas “natos”, pois tem nível superior e é auditor fiscal da Receita Federal, o autor se situa entre dois campos de atuação simbólica, procurando evidenciar isso na poesia escrita e publicada. Isso demonstra o quanto o cordel saiu do âmbito da cultura popular e tem atraído um novo público, com acesso a uma grande gama de informações e pensamento mais crítico.

Além disso, com a análise dos cordéis, ficou claro uma nova forma de interação entre o jornalismo e o cordel. O jornalismo, agora, não é apenas uma fonte de pauta explícita, mas, mais ainda, tem se tornado um dos principais veículos de publicação da literatura de cordel, fazendo com que o jornalista aja na forma de ‘patrão’ informal a definir sobre o que o cordelista deve escrever e o que será publicado. Isso foi demonstrado no caso narrado pelo cordelista Orlando Paiva, em que o repórter Efrém Ribeiro, do jornal piauiense Meio Norte, solicitou a elaboração de um cordel sobre um caso de repercussão local (o assassinato da advogada Lilian Sâmara Barros).⁴ Após essa primeira experiência, o mesmo jornalista veiculou “Cordel em Homenagem a João Hélio”, no mesmo jornal impresso:

Sempre quando tem um caso que causa assim repercussão nacional, como o caso do João Hélio, aí eu produzo o texto e mando pra ele [Efrém Ribeiro] (...). Teve aquele da advogada que eu lhe falei da Samara, que ela foi assassinada lá (...). Nesse aqui não, o Efrém ligou e disse “Orlando tu tem alguma coisa?”, eu disse “Rapaz, não, mas posso fazer igual ao do João Hélio.” (PAIVA,2007)

Vale dizer também que os cordéis analisados na pesquisa foram encontrados de forma integral nos *sites* Usina de Letras (“Pequena Homenagem ao Garoto João Hélio Fernandes”) e Mundo Jovem (“Cordel em Homenagem a João Hélio”), o que demonstra a criação de um novo suporte físico para os cordéis, que deixam de ser publicados em livretos, para serem veiculados na internet. Isto implica em pensar numa mudança na literatura de cordel, antes comercializada em feiras e centros de artesanato, e agora encontrada em *sites* da internet. O cordel não abandona seus pontos de comercialização usuais, mas os amplia. O público torna-se mais vasto, pois o cordel passa a ser lido em nível mundial, com uma intensidade e frequência muito maior e sem a necessidade de visitar os lugares de comercialização tradicionais.

⁴ A advogada e enfermeira Lílian Samara de Nunes Barro foi vítima de um assalto, que culminou em seu assassinato. Lílian Barro, de apenas 25 anos, foi atingida pelo disparo da arma de “Topete”, após uma tentativa de fugir com seu carro e escapar do assalto. O crime aconteceu dia cinco de julho de 2007, em Teresina.



Os próprios cordelistas têm esta percepção de que a internet proporciona uma maior repercussão e visibilidade ao texto, utilizando como indicador de avaliação do cordel a quantidade de acesso do mesmo.

Eu acho que na Internet tem maior repercussão, porque tem meses aí que o acesso aos meus cordéis chegou a mais de 5 mil (PINHEIRO,2007)

Paiva prossegue mostrando outra vantagem da internet: a publicação gratuita.

Essa questão de botar na internet é que tem maior repercussão. Botando na internet, eu entro no orkut e coloco nas comunidades e o Brasil inteiro vai ter acesso. Pra fazer isso aqui [livreto], eu tenho que pagar; pra botar na internet, eu não pago, é de graça, e quantas pessoas lêem... (PAIVA,2007)

A respeito dos meios de comunicação utilizados como fonte de informação sobre o assassinato de João Hélio, os cordelistas disseram ser a internet sua principal fonte para aquisição de dados. Percebemos, assim, uma influência do meio internet sobre os cordelistas, tanto na publicação dos cordéis, quanto na busca por informações sobre o acontecimento supracitado.

Conforme relatado pelos autores, os portais UOL e Jornal do Brasil orientaram a produção do cordel de Henrique César Pinheiro. Já o cordelista Orlando Paiva acompanhou a cobertura do caso também pela televisão.

A gente pega as notícias nos portais e também na televisão. Eu acompanhei mais mesmo foi pela Internet, aí eu vi o caso que causou aquela repercussão toda (...) O portal sempre que a gente pega assim a nível de Brasil e, com certeza eu vi lá, é da Globo e, aqui do Piauí, é o Meionorte.com. Na televisão, vi o Jornal Nacional e Bom dia Brasil.(PAIVA,2007)

Após conhecer os veículos de comunicação que serviram de fonte de informação para os cordelistas, iniciamos uma análise comparada entre as notícias publicadas nos veículos e os cordéis produzidos.

Durante a análise, procuramos perceber os principais temas presentes no material analisado, identificando a maneira como foi feita a abordagem do caso (nos cordéis de acontecido e no jornalismo) e os padrões de repetição dos mesmos. Em seguida, definimos os temas que, presentes nos discursos, deram origem às rubricas semânticas ou categorias temáticas presentes em cada um deles.

1) Sacralização de João Hélio

A abordagem feita sobre a figura do menino João Hélio Vieites está intimamente relacionada à pureza, inocência e incapacidade de defender-se. Os textos mostram-no como uma criança meiga, carinhosa, engraçada, alegre, que estava sempre feliz, mas teve sua infância interrompida por um crime brutal. Isto pode ser percebido na fala de Rosa Vieites, mãe do menino, exibida no jornal Bom dia Brasil: “Ele era amiguinho, engraçado, estava sempre feliz.”

O cordel de Orlando Paiva mostra João Hélio como “um menino inocente brutalmente assassinado” (PAIVA,2007,estrofe 01). O jornal do Brasil prossegue: “O mundo que existe é o de João Hélio: o mundo do amor infantil.”, “(...) [João Hélio] entrou no rol das crianças cheias de amor no coração e foram impedidas de amar na vida.” e “(...) João Hélio e seus coleguinhas, vivem num mundo de amor puro e infantil.”(JORNAL DO BRASIL,2007)

As qualidades do menino João Hélio foram ressaltadas, assim como a idade da vítima, a fim de enfatizar a perversidade dos criminosos ao cometerem um ato brutal contra uma criança indefesa, pura, no início da vida. “O garoto JOÃO HÉLIO,/ com seis anos de idade,/ como as crianças, vivia/ uma vida sem maldade,/ por um bando assassino/foi morto sem piedade.” (PINHEIRO,2007,estrofe 01) A mesma idéia é reproduzida no Jornal Nacional: Traços feitos por uma criança carinhosa, amada e que ainda ensaiava escrever o próprio nome. (JORNAL NACIONAL,2007)

O menino foi, desta maneira, identificado como anjo ou santo, nos cordéis e no jornalismo. Percebemos isto explicitamente no cordel de Orlando Paiva: “(...) Mas João Hélio é santo/ Ao lado do Pai Criador” (PAIVA,2007,estrofe 06); no sentimento da população, mostrado no portal Jornal do Brasil: “Um anjo pela paz. Saudade eterna.”, “(...) Descanse em paz anjinho.” (JORNAL DO BRASIL,2007); e na fala de Helton, pai do menino João Hélio, exibida no Jornal Nacional: “Ele era uma criança linda, o nosso anjinho.” (HELTON VIEITES apud JORNAL NACIONAL,2007)

A associação de João Hélio a santos e anjos remete, por outro lado, à próxima categoria temática, que trata os criminosos como demônios.

2) Demonização dos criminosos

A sacralização de João Hélio implica na demonização dos responsáveis pela sua morte brutal. Os textos acentuam as piores características dos criminosos, a fim de enquadrá-los na categoria do mal e associá-los ao demônio. No cordel de Henrique



Pinheiro e em algumas notícias jornalísticas, os assassinos compõem o centro das atenções, com ênfase nos seus defeitos e no sentimento de aversão de toda a população, inclusive dos autores, em relação a eles.

O cordelista Henrique Pinheiro os critica na maior parte do seu cordel, como vemos nos trechos:

por um bando assassino, / foi morto sem piedade. (...) /aquele bando assassino, / com toda sua crueldade, / não deu ao pobre menino,/ que tinha pouca idade,/ qualquer chance de defesa. É a mais pura verdade.(...)/Sua morte foi tão horrível, / tamanha atrocidade, / arrastado por um carro/ pelos bairros da cidade, / depois jogado num canto/ sem a menor caridade. (PINHEIRO,2007,estrofe 02)

O posicionamento do cordelista é fortalecido pelo fato dos assaltantes não terem esperado a mãe retirar o seu filho do carro, o que ficou afirmado no depoimento de Rosa Vieites, mãe de João Hélio (JORNAL NACIONAL,2007), que revelou também que os criminosos tinham conhecimento de que a criança encontrava-se presa ao cinto de segurança:

E eu pedi para tirar meu filho e disse: ‘sai Aline, sai e tira seu irmão’. Aí eu puxei ele e falei: ‘o cinto está aqui, calma que eu vou tirar’. E ele: ‘não sua vagabunda, anda logo’. E bateu a porta e eu não pude fazer nada.” (VIEITES apud Jornal Nacional,2007)

A notícia de que os responsáveis pelo crime foram para uma festa, na noite, após o assassinato, contribui para reforçar esta categoria, assim como o fato de várias pessoas terem avisado sobre o menino que se encontrava preso ao cinto do carro. Estas informações são encontradas no cordel de Henrique Pinheiro: “Depois de tanta crueldade,/ de um crime muito bárbaro,/ eles foram pra suas casas/ (...) e de festa foram no faro.” (PINHEIRO,2007,estrofe 06) e também no Jornal Nacional: “A criança, presa a um cinto de segurança, foi arrastada por várias ruas na fuga dos bandidos, que ignoraram os apelos de quem via a cena”; e “Quando a gente olhou, era uma criança sendo arrastada, e todo mundo começou a gritar: ‘Pára, pára, pára. Ele não parou.” (JORNAL NACIONAL,2007)

O personagem do motoqueiro que testemunhou o ocorrido ganha aqui uma grande ênfase nos cordéis, principalmente por ter sido ameaçado pelos bandidos. Assim, os cordéis se utilizam de uma prática jornalística – a do depoimento ou da testemunha ocular – para legitimar a sua posição sobre o acontecimento.



Aquela cena deixou/ motoqueiro apavorado./ Que ainda tentou ajudar, / mas foi logo ameaçado/ por aqueles seres infames,/ um bando de amaldiçoado/ que, por tão grande crime, era/ pra ser logo enforcado. (PINHEIRO,2007,estrofes 04 e 05)

O destaque também é conferido à negação do Carlos Eduardo Toledo Lima de ter participado do crime, publicado em notícia do Jornal do Brasil. (LIMA apud JORNAL DO BRASIL,2007): “Eu quero morrer brutalmente, pior do que João Hélio, se eu participei deste crime.” Outro ponto também abordado foi a denúncia dos pais de dois responsáveis pelo assassinato (Carlos Lima e o menor Ezequiel), seguida do desabafo da mãe, também publicada no Jornal do Brasil. (Ibid,2007): “Minha dor é tanta que acredito que seria mais fácil se eu tivesse que enterrar o Ezequiel.”

Os criminosos são tratados como isentos de qualquer sentimento bom, como compaixão e caridade, sendo inclusive mostrados como “sem coração”. Além disso, eles são identificados como perversos, cruéis, amaldiçoados e covardes, capazes de rir após um assassinato como esse e de cometerem novamente crime semelhante. Tais observações são percebidas na fala de Rosa Vieites, na entrevista ao Jornal Nacional (“você vê que aquela criatura não tinha sentimento nenhum. (...) aquela criatura não tem coração. Se ela ficar solta na rua, ela vai fazer de novo. E ainda vai rir.”) (VIEITES apud JORNAL NACIONAL, 2007) e no depoimento do delegado Hércules Pires do Nascimento (“...eles foram totalmente frios. Se você conversa com eles nota que eles são desprovidos de qualquer sentimento.”), em notícia do Jornal do Brasil. (NASCIMENTO apud JORNAL DO BRASIL,2007)

A colunista Bingemer (apud UOL, 2007) relatou o sentimento sentido por toda a população. Para os brasileiros, os criminosos responsáveis pela morte de João representam

...tudo que rejeitamos e abominamos: a violência, o descaso pela vida humana, a frieza diante da inocência de uma criança que tem seu corpo arrastado pelas ruas e estraçalhado pelo asfalto. Seus rostos visibilizados pela mídia nos provocam asco, horror. (Ibid)

Por fim, a passeata de mais de 500 pessoas, segurando cartazes “um sexto da pena é prêmio pra bandido”, reafirma que todo este sentimento de repúdio e de enquadramento dos assassinos na categorial do mal não se restringiu apenas a escritores cordelistas e jornalistas, mas abrangeu toda a população.

3) martirização heróica de João Hélio

Além de santo, João Hélio é identificado como herói, como salvador dos brasileiros, segundo mostra o cordel de Orlando Paiva: “João Hélio foi escolhido/ Para ser nossa salvação./ A morte deste inocente/ Serviu pra muita gente/ Lutar por punição.” (PAIVA,2007,estrofe 04) A morte brutal do menino, de apenas seis anos de idade, culminou na organização de passeatas, protestos, pedidos de paz, pelo fim da violência e pela redução da maioria penal.

João Hélio foi caracterizado como herói, pois sua morte serviu para muitas pessoas lutarem por punição, para que se rediscutissem as leis e para que houvesse mudanças, tanto no tocante ao policiamento das ruas, quanto em relação à punição aos criminosos, como vemos nos trechos a seguir do telejornal Bom Dia Brasil.

Depois da morte brutal do menino João Hélio, surgiram muitas propostas de mudanças da Legislação. Diminuição da maioria penal e endurecimento das penas são algumas delas (...) Depois do crime que chocou o país, João Hélio se transformou num símbolo da luta da sociedade contra a escalada de violência nas grandes cidades brasileiras (...) No Rio, distribuíram um panfleto que diz: ‘A vida não pode terminar aos seis anos. Que a dor pela perda do menino João Hélio nos dê força para começarmos a construir um Brasil de paz.’ (BOM DIA BRASIL,2007)

Tal abordagem é também percebida no cordel de Henrique César Pinheiro: “Devemos fazer mudança/ também na nossa consciência/ e ver esta barbaridade/ em toda sua abrangência,/ que ela nos sirva como/ uma grande advertência.”, “A morte do JOÃO HÉLIO/ foi uma grande desgraça,/ não só para sua família/ mas, pra toda nossa raça,/ não pode ficar restrita,/ a uma placa de praça.” (PINHEIRO,2007,estrofes 18 e 19)

Ao expor seu posicionamento nos trechos expostos anteriormente, Henrique Pinheiro faz referência a uma notícia encontrada no Jornal do Brasil: “A Prefeitura vai dar o nome do menino João Hélio Fernandes Vieites, de seis anos, morto na última quarta-feira a uma praça em Cascadura, na Zona Norte.”(JORNAL DO BRASIL, 2007)

A morte foi abordada como um marco, pois, após tal crime, acreditava-se que haveria mudanças na legislação, mobilização política pelo fim da violência, e que a morte de João Hélio não teria sido em vão. Isto é demonstrado nas diversas edições o Jornal do Brasil (2007): a) na fala do pai do menino (“Só queria que a morte dele não ficasse em vão. Que tudo que vem acontecendo servisse realmente para marcar uma fase de mudança no nosso país”); b) no depoimento do padre Avelino Contim, que celebrava a missa pela morte brutal (“O padre Avelino Contim (...) disse que muitos olhos se



abriram com a morte de João Hélio: - Que o seu sangue se associe ao de outras vítimas da violência e devolva ao mundo a sua graça.”); c) e na “Carta aberta ao João: o mártir-mirim da vida”, escrita pelo bispo Dom Antonio Duarte (“Você será a semente de um Brasil onde crianças terão respeito, consideração e muito amor desde o princípio (...) foi o desenho que ele fez e revelou que iria melhorar mesmo o Brasil.”).

4) Senso de Pertencimento Familiar

Com esta categoria busca-se expor a comoção e o sentimento de solidariedade, que sensibilizou todo o país, em especial o Rio de Janeiro. Os jornais enfocaram a brutalidade do crime, o que implicou em vários movimentos de paz e de luta por justiça, que mobilizaram toda a população. O cordel, através da sua linguagem singular, também exibiu o clamor, o sentimento de compaixão e dor de toda a população, sentido junto à família. Em ambos os casos, a referência para construção de um senso de pertencimento grupal passou a ser a família. Grupos distintos se uniram em torno de uma mesma referência, como se tivessem, todos, perdidos algo em comum.

Orlando Paiva confirma isto, em seu cordel, especialmente no trecho: “As autoridades acordaram/ Foi grande o clamor,/ Todos junto a família/ Sentindo a mesma dor./ Foi enorme o pranto.” (ORLANDO PAIVA,2007,estrofe 06)

A maneira com que o caso foi noticiado e o posicionamento ideológico dos cordelistas sensibilizou os brasileiros, que perceberam, no assassinato daquela criança, a morte de um filho, um irmão ou um parente próximo. “A dor e a revolta não ficaram restritas a quem conhecia e convivia com o menino – tomaram conta das ruas e das conversas, em toda a cidade.(...) Um crime que também mexeu com a polícia.”(BOM DIA BRASIL,2007)

A comoção abrangeu inclusive os estádios de futebol e outras crianças.

No jogo entre Flamengo e Botafogo, houve homenagens ao menino João Hélio e um pedido de torcida: ‘Justiça, justiça.’ A morte da criança de seis anos também foi lembrada em outros estádios. O crime brutal mexeu com a emoção de crianças de uma escola de samba mirim. A bateria parou. Fez um minuto de silêncio pela paz no Rio de Janeiro. (BOM DIA BRASIL,2007)

Os protestos repercutiram também no site Orkut, como mostra uma notícia do portal Jornal do Brasil: “Internautas indignados com a morte do menino João Hélio Fernandes, 6 anos, estão utilizando o site de relacionamentos Orkut para desabafar.



Uma comunidade foi criada, nesta sexta-feira, para protestar contra a barbárie.” Além de ter sensibilizado também a ONU: “O escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crimes (UNODC) divulgou nota nesta quinta-feira em que manifesta pesar pela morte do menino João Helio Vieites, no Rio de Janeiro.” (JORNAL DO BRASIL,2007)

O governador Sérgio Cabral, do Rio de Janeiro, também “afirmou nesta quinta-feira que está chocado com a morte do menino. Ele se solidarizou com a família, que perdeu ‘barbaramente a criança’” (JORNAL DO BRASIL,2007). Por fim, a tragédia indignou os traficantes do Morro da Serrinha, no Bairro da Madureira, que “planejavam executar os supostos autores da barbárie contra o menino João Hélio Fernandes...” (JORNAL DO BRASIL,2007)

Os desdobramentos do caso foram acompanhados diariamente, lutas pela redução da maioria penal foram organizadas e missas pelo João Hélio tiveram a presença de inúmeros brasileiros que, no momento da dor, agiram como parentes próximos da família.

Mas essa morte está na cabeça de todos. É como se ele [João Helio] tivesse virado um parente próximo. Os brasileiros em geral, trocam e-mails, choram juntos, conversam sobre isso nos táxis, nas ruas, perdem o sono. (...) O Rio não sabe o que fazer, ainda não passou o choque. Mas há um vasto sentimento coletivo de procura de uma saída. Há mais de 1000 horas, João Hélio não sai das nossas cabeças e de corações. (BOM DIA BRASIL,2007)

A população ficou chocada e também sensibilizada, como diz Orlando Paiva, em seu cordel, o que culminou em “lágrimas, mesmo de quem não conheceu o menino arrastado até a morte” e em recompensas oferecidas por muitas pessoas. (JORNAL NACIONAL,2007). A dor da perda e a comoção provocada pelo acontecimento uniram milhões de brasileiros, como se fossem uma só família em lamento e pranto.

4 Considerações Finais

Feita esta reflexão, percebemos claramente os diálogos entre a literatura de cordel e o jornalismo, especificamente no caso do assassinato do menino João Hélio Vieites. Na descrição das rubricas semânticas ficou evidente a semelhança de conteúdo entre os dois suportes, pois os folhetos de acontecido narram a morte de João Hélio a partir das notícias publicadas nos meios de comunicação, com base nas suas características peculiares, como o exagero no sensacionalismo e o posicionamento



ideológico dos autores. Além de funcionar como meio de informação para os cordelistas, o jornal também é veículo de publicação dessa literatura, como destacamos anteriormente a veiculação de dois cordéis de Orlando Paiva, em um jornal impresso.

Tais considerações apontam, desta forma, para o complexo processo de produção de textos pelos diversos sistemas de comunicação, em época de convergência tecnológica e de globalização cultural. Distribuídos em rede, diferentes suportes comunicativos, como o cordel, a televisão e a internet, interagem e estabelecem diálogos que subvertem, inclusive, alguns dos principais elementos de sua própria gramática produtiva. No processo interativo que estabelecem, geram-se novos produtos e suportes, criam-se novos gêneros, misturam-se os públicos consumidores.

7. Referências Bibliográficas

ALENCAR, Carlos Cícero de Lacerda. **O que é?** Disponível em: <http://www.cordelon.hpg.ig.com.br/que_cordel.htm> Acesso em: 14 jul. de 2003

_____. **História.** Disponível em: <http://www.cordelon.hpg.ig.com.br/historia_cordel.htm> Acesso em: 14 jul. de 2007

AMORIM, Maria Alice. **Os cordéis e o 11 de setembro.** In: VI Congresso Latinoamericano de Ciências de la Comunicación, Alaic, 2002, Santa Cruz de la Sierra.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Persona Edições, 1977.

BOM DIA BRASIL. Disponível em: <<http://bomdiabrasil.globo.com/Jornalismo/BDBR/0,,3689,00.html?tipo=txt&q=morte+do+menino+jo%C3%A3o+h%C3%A9lio&query=morte+do+menino+jo%C3%A3o+h%C3%A9lio>> Acesso em: 01 de out. de 2007.

BRITO, Geni. O jornalismo na literatura de cordel. **De Repente – revista de divulgação cultural da fundação nordestina do cordel.** Ano IX, no. 33, maio de 2003. Teresina-PI.

CAMPBELL, Richard. **Media and Culture – an introduction to mass communication.** Boston, New York: Bedford/St. Martin's, 2000.

DEBS, Sylvie. **Le Cordel; une expression littéraire em sursis? Le cas de la Maison d'édition Tutynanquim** (paper). In: Travaux du GEREC l'Éwop, 1997.

FAUSTO NETO, Antônio. **Desmontagens de Sentidos – leituras de discursos midiáticos.** João Pessoa: Editora Universitária, 2001.

FERREIRA, Clodo. (org) **J. Borges por J. Borges Gravura e cordel do Brasil.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.



G1. Disponível em: <<http://busca.globo.com/Sites/busca/buscar.ssp>>. Acesso em: 5 de out de 2007.

JORNAL DE POESIA. Disponível em: <www.secrel.com.Br/jpoesia/1fneuma.html> Acesso em: 11 jul. de 2003.

JORNAL DO BRASIL. Disponível em: <<http://quest1.jb.com.br/pesq1/search.php>> Acesso em: 1 de out. de 2007.

JORNAL NACIONAL. Disponível em: <<http://busca.globo.com/Sites/JN/buscar.ssp>> Acesso em: 1 out. de 2007.

LUYTEN, Joseph M. (org) **Um Século de Literatura de Cordel – bibliografia especializada sobre literatura popular em verso**. São Paulo: Nosso Studio Gráfico, 2001.

MEIO NORTE. Disponível em: <<http://www.meionorte.com/busca.php?buscapor=JO%C3O+H%C9LIO>> Acesso em: 05 de out de 2007.

MENEZES, Eduardo Diatahy. **Das classificações Temáticas da Literatura de Cordel: uma querela inútil**. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/msodrec01.html>> Acesso em: 11 jul. de 2003

PAIVA, Orlando. **Cordel em homenagem a João Hélio**. Disponível em: <http://www.usinadaspalavras.com/ler.php?txt_id=28449> Acesso em: 4 de jul. De 2007.

_____, Orlando. Entrevista cedida a Camila Lima, em 23 de set. de 2007. Duração: 30 minutos.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Literatura de Cordel continua viva no Brasil**. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/apelleg.html>> Acesso em: 11 de jul. de 2003.

PINHEIRO, Henrique César. **Pequena homenagem ao garoto João Hélio Fernandes**. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=9754&cat=Cordel>> Acesso em: 4 de jul. de 2007.

_____, Henrique César. Entrevista cedida a Camila Lima, em 28 de set. de 2007. Duração: 50 minutos.

SAID, Gustavo. **Matrizes de cultura e identidade: árabes e americanos após o 11 de setembro**. Tese de doutorado. São Leopoldo: UNISINOS, 2006.

UOL. Disponível em: <<http://busca.uol.com.br/uol/index.html?q=assassinato+menino+jo%E3o+h%E9lio+vies&ad=on>> Acesso em: 5 de out de 2007.